

A SEGUNDA FUNDAÇÃO DE SÃO PAULO.

(Da pequena cidade à grande metrópole de hoje) (1)

INTRODUÇÃO.

Os estudos históricos e geográficos sobre a história urbana em geral são pouco numerosos. Conhecem-se, por exemplo, estudos sobre Grenoble, Fez, Argel (2), Cairo, Madri, Ruão, Berlim... Mas, essas cidades nada têm de comum com o desenvolvimento de São Paulo, devido à sua própria natureza, a seu volume e, sobretudo, pela maneira como foram formadas.

Além de certas cidades industriais inglesas, só o caso de Chicago ou de Nova York pode ser comparado ao de São Paulo que pertence à mesma família histórica americana, da qual Vidal de la Blanche na sua obra postuma (*Principes de Géographie Humaine*) não teve tempo de nos dar uma imagem de conjunto.

Apareceu recentemente um livro sobre o desenvolvimento de Chicago em que o autor, além de descrever a sua mudança, fez um estudo muito interessante, paralelamente, sobre a evolução dos preços de terrenos (3), estudando os seus vários booms.

*

Não é da segunda fundação da vila de São Paulo de Piratininga que vamos tratar, bem entendido, mas sim do momento em que São Paulo passou de um conglomerado urbano a uma grande cidade.

Dizemos isto porque, segundo os cronistas, Martim Afonso de Sousa esteve no planalto em uma vila de Piratininga. O certo é que dessa vila não temos vestígios e nem notícias exatas. Sabemos somente que em 1554 foi fundada pelos jesuítas a Vila de São Paulo de Piratininga, que não podia ser absolutamente a mes-

(1). — O presente artigo foi publicado pela primeira vez na "Fôlha da Manhã" de 25-1-1939. Tendo se esgotado as separatas do mesmo, diversas pessoas solicitaram a sua reedição. Nós o fazemos como uma pálda homenagem ao IV Centenário da fundação de São Paulo.

(2). — René Lespés — *Alger*. Paris, Félix Alcan, 1930. 860 pp., XVI pl. e 22 mapas.

(3). — Homer Hyot — *One Hundred Years of land values in Chicago. The relationship of the growth of Chicago to the rise its land values (1830-1933)* Chicago. The University of Chicago Press, 1933.

ma visitada pelo nosso futuro donatário. Essa questão não cabe no plano por nós organizado. Tomamos como primeira fundação a de 1554 e trataremos de determinar a segunda. Aliás, será necessário contestá-lo? Dêsses dois nascimentos o único que interessa à grande história é o do que nos vamos ocupar.

O primeiro nascimento de São Paulo, a verdadeira fundação, foi muito estudado (4). O mesmo não acontece com o assunto de que vamos tratar. Não se deu atenção a um fenômeno tão interessante como o nascimento de São Paulo, aglomeração urbana. Lastimamos não ter uma palavra exata para distinguir a cidade das aglomerações enormes de hoje em dia. A diferença entre o São Paulo do século XIX e o de hoje pode-se avaliar, rapidamente, ao acaso duma viagem, numa das pequenas cidades do interior, dessas cidades estabilizadas como Silveiras, Areias, Itú, etc. O São Paulo do século XIX, deve ser visto retrospectivamente pela escala dessas pequenas cidades de vida rural que foi no Brasil a base desde o século XVI.

I. — O PONTO DE PARTIDA: SÃO PAULO DE 1872.

Depois de consultar estatísticas e vários livros, chegamos à conclusão de que pelo ano de 1872 começou a transformação de São Paulo. Mas, queremos desde já tornar claro que, sem certos fatos anteriores, absolutamente não se teria dado êsse progresso, e que essa mudança não pode ser marcada em um dia certo, nem mesmo em determinado ano. E' o resultado conjugado de vários fatores políticos, econômicos e sociais.

Queremos fazer um retrospecto da fisionomia da cidade. Para isso transportemo-nos ao mapa de São Paulo, à *Plan'História de São Paulo* de Afonso A. de Freitas (5). Por ela vemos quanto São Paulo era pequeno e faremos também uma idéia precisa do loteamento das chácaras que a cercavam.

São Paulo mudou pouco de 1820 a 1870 (6). E, ainda em 1820 muito pouco differia da cidade colonial de 1810. A população urbana condensava-se entre os rios Tamandateí e Anhangabaú. No campo do Bexiga, que abrangia todo o espaço entre as ruas Consolação e Santo Amaro, hoje cortado de ruas e coberto de casario, caçavam-se perdizes, veados e até escravos fugidos. Em tôrno da cidade havia um círculo de latifúndios baldios que se transformaram nos atuais bairros dos Campos Elísios, do Bom Retiro, Vila Buarque, rua Conselheiro Furtado, avenida Brigadeiro

- (4). — A. Carvalho, *Primeiros Anos*, in "O Estado de São Paulo" de 9-3-1932 e de 16-3-1932, pgs. 3, n.ºs 19.111 e 19.117; Padre Serafim Leite — *Os jesuítas na Vila de São Paulo*, in "Revista do Arquivo Municipal", Ano II, vol. XXI, pg. 5; Idem, *Revelações sobre a fundação de São Paulo*, in "Revista do Arquivo Municipal", Ano I, vl. II, pg. 39.
- (5). — Afonso A. de Freitas, *Plan'História da Cidade de São Paulo no período de 1800 a 1874*. E. Arrault et Cie. Tours, 1914.
- (6). — Afonso A. de Freitas, *Tradições e Reminiscências Paulistanas*, pág. II. São Paulo, 1921. Edição de Revista do Brasil. Monteiro Lobato e Cia. Editôres.

Luís Antônio, rua Barão de Iguape, Pedroso e adjacências, pelo aumento sem cessar do preço dos terrenos.

Sobre São Paulo de 1860 temos o depoimento valiosíssimo de Emílio Zaluar, citado por Spencer Vampré (7). A cidade era triste, monótona e desanimada — observa Zaluar — e tornava-se ainda mais, com as férias dos acadêmicos, porque os estudantes, durante a sua residência nas famosas “repúblicas”, emprestavam à povoação uma vida fictícia. Apesar dos seus 26.000 habitantes, e de ser a Capital da Província, de ser assento da Assembléia Provincial e residência do presidente da Província, de manter o bispado, uma Faculdade de Direito, um jardim botânico, uma biblioteca notável, um seminário episcopal, um Hospital de Misericórdia, a Câmara, várias igrejas e mosteiros, dois teatros e grande comércio, a cidade era triste.

A cidade era taciturna, contrastando com a cordialidade e expansão no interior dos lares. O interessante é que êsse aspecto que Emílio Zaluar ressaltava, ainda predomina até hoje; basta que se analise perfunctoriamente a cidade dentro da qual vivemos.

O paulista já era naquele tempo, ameno e franco no trato familiar, ainda que reservado no primeiro encôntro. Tinha um falar descansado que lhe era peculiar e ajuntava uma certa tonalidade particular distinta no seio da linguagem da família brasileira.

No meio dessa população pacífica, havia os irrequietos estudantes. Os habitantes da cidade e os estudantes formavam dois corpos heterogêneos, que não se combinavam: os acadêmicos não se misturavam com os “futricas”.

A moda, pelo ano de 1860, impunha aos estudantes e às pessoas distintas da cidade sobre-casaca e colete de pano prêto, cartola preta ou clara, calças de “boca de sino”, em fazenda grossa, listada, de xadrez, ou escocesa, moda essa que se modificou em 1863, com as “calças de balão”, correspondentes às saias de balão das senhoras: — fechando-se estreitamente sôbre os pés, alargavam-se progressivamente pelas pernas acima, até formar na parte superior, desenvolvida curva, e se estreitavam de novo ao redor da cintura (8). Essa indumentária pode-se apreciar muito bem na curiosa iconografia da época.

Nas ocasiões solenes, envergavam os cavalheiros casaca, com a qual saíam à rua, combinando-a com calças de brim branco.

Não conheciam os colarinhos e punhos postiços, mas sômente pregados à camisa; mas usavam gravata, em geral preta, de setim em nobreza, muitas vêzes de laço feito, de mola, que se fechava pelo lado da nuca.

Acrescentando-se um guarda-chuva, menos freqüentemente, uma bengala, e, finalmente, uns óculos, ou mesmo um monóculo,

(7). — Spencer Vampré, *Memórias para a História da Academia de São Paulo*. Livraria Acadêmica. Sraiva e Cia. Editôres, 1924. Vol. 2, pág. 58.

(8). — *Ibidem*, pág. 66.

preso a cadaço preto de sêda ou a trancelim de ouro, e ter-se-á formado idéia de um cavalheiro daquela época.

Imaginem-se românticas melenas a Alfred Musset, ou a Théophile Gautier, barba a Napoleão III, à nazarena, a andó, ou ainda a Mefistófeles, e ter-se-á, perfeito e acabado, um tipo de estudante do tempo (9).

Da imprensa de 1860 temos uma interessante estatística bibliográfica publicada no *Caleidoscópio* e citada por Spencer Vampré na sua obra (10).

A imprensa da capital de São Paulo publicava os seguintes jornais:

I. — Políticos: — *O Correio Paulistano*, dedicado aos melhoramentos materiais da Província; *A Lei*, dedicado aos interêsses do partido conservador; *A Imprensa Paulista*, que advogava a causa liberal; *O Cruzeiro do Sul*, idem.

II. — Literários: — *A Revista Mensal*, do Ensaio Filosófico. *Ensaios Literários*, do Ateneu Paulistano; *Memórias*, do Culto à Ciência; *Exercícios Literários*, do Clube Científico; *Murmúrios Juvenis*, do Amor à Ciência; *Esboços Literários*; *Ensaios da Brasília*; *o Caleidoscópio*, do Instituto Acadêmico; *a Revista Dramática*; *O Lírio*.

Com essa longa exposição quisemos dar o ambiente da cidade antes de sua transformação.

a). — *A Presidência João Teodoro* (*).

Em 21 de dezembro de 1872 assume a presidência da Província o Dr. João Teodoro Xavier de Matos que governou até 29 de maio de 1875. Não queremos dizer tenha sido êle o motor da transformação, mas sim, que durante a sua administração e através dela a semente começava a germinar (11).

No desempêño de seu cargo imprimiu notável impulso ao progresso da cidade, incentivando os fazendeiros e capitalistas, que começavam a ganhar dinheiro com a exploração de lavoura de café no oeste da Província, a constituir seus domicílios temporários, e construir residências na cidade.

Foi no seu govêrno que a Luz ficou ligada ao Brás com uma rua que traz o seu nome; o Brás também se ligou ao centro, melhorando as ruas do Pará e Gasômetro; retificou-se o Tamanduaté, ligou-se o Arouche, a Consolação, e o largo dos Curros (praça da República), instalou-se a Caixa Econômica em 1875. Durante o seu govêrno gastou-se no aformoseamento da cidade a quantia de 646:418\$000 (12), quantia enorme para a época, quase a metade

(9). — *Ibidem*, pág. 67.

(10). — *Ibidem*, pág. 11.

(11). — *Ibidem*, pág. 104.

(12). — Eugênio Egas, *Galeria dos presidentes de São Paulo*. Publicação oficial do Estado de São Paulo. 3 vol. 1926-1927 — pág. 478 do 1.º vol.

(*) — Vide págs. 233-242 dêste número da *Revista de História* onde está transcrita a curiosa mensagem que apresentou à Assembléa Legislativa em 1873.

do orçamento anual da Província. E devemos ressaltar o fato de que êle, lente da Faculdade de Direito de São Paulo, morreu na maior pobreza.

Já em 1842 a iluminação da cidade era de azeite (13), passando a gás líquido (*sic*) em 1856 (14).

Em 26 de abril de 1856 temos um fato notável: — o decreto 1759 que incorporou a Companhia de Estrada de Ferro Santos a Jundiáí, em que tanto se notabilizou Irineu Evangelista de Sousa, barão e visconde de Mauá (15).

Os planos inclinados da Serra foram inaugurados em 28 de julho de 1864 e a inauguração oficial da estrada foi em 16 de janeiro de 1877 (16). Esse fato permitiu que Santos ficasse ligada a São Paulo e daí se acentuasse a simbiose das duas cidades.

Santos, até então em condições de igualdade com São Sebastião, toma um impulso brusco, mas sem caís, lutou durante muito tempo até que em 2 de fevereiro de 1892 o *Nasmith*, o primeiro navio, atracou na parte inaugurada pela Cia. Docas (17) e vemos então começar esse movimento assombroso que ultrapassou de muito o pôrto do Rio de Janeiro.

Com a ligação São Paulo-Jundiáí começa a lavoura de café, na zona de terra roxa, a tomar incremento, em detrimento da zona norte do Estado. E muitos fazendeiros, a despeito do numeroso contingente dos seus escravos, começam a importar imigrantes, como o senador Vergueiro no seu sítio de Ibicaba.

E' nessa época que começa o *rush* para o Oeste, porque até então plantar café além do Rio Claro, como se dizia na época, era loucura, devido ao alto preço em que ficava o transporte em lombo de burros. A estrada de ferro, com transporte barato, revolucionou a Província.

Em 4 de setembro de 1864 houve a inauguração do teatro São José, um fato notável para a época, pois demonstra que já havia dinheiro para as exigências do espírito.

b). — Colonização e Imigração.

Em 1871 é criada a "Associação de Colonização e Imigração". A história de colonização remonta a muitos anos antes (18). Além das colônias fundadas por particulares, em não pequeno número, são dignas de menção as tentativas feitas pelo governo em 1828 (149 famílias de alemães e 72 pessoas avulsas, total 926; dêsses, 336 foram para o Município de Santo Amaro) (19), às quais de-

(13). — *Ibidem*, pág. 136.

(14). — *Ibidem*, pág. 256.

(15). — Alberto de Faria, *Mauá*. Cia. Editôra Nacional. São Paulo, 1933. 2a. edição.

(16). — *Ibidem*, pág. 167.

(17). — Hélio Lobo, *Docas de Santos*. Tip. do "Jornal do Comércio". Rio, 1936, pág. 30.

(18). — Comissão Central de Estatística. Relatório de 1888. São Paulo. Leroy King Bookwalter.

(19). — Eugênio Egas, *op. cit.*, págs. 240 e 241.

vem a sua existência as colônias de Santo Amaro e Rio Negro (esta em território hoje pertencente a Santa Catarina). As colônias fundadas por particulares, que tiveram por modelo as dos senadores Queiroz e Vergueiro (começadas em 1847), regeram-se em geral pelo sistema de parceria, apesar de deficiência de informações a respeito de fatos mal conhecidos e que jamais lograram ser tidos em devido apreço. Sabe-se que no período de 1827 a 1855 entraram na Província 5.329 imigrantes, assim distribuídos:

Alemães	2.052
Portuguêses	1.512
Hamburgueses	602
Suiços alemães	439
Suiços	160
Suiços e portuguêsês	131
Franceses	129
Sem nacionalidade específica	304
	<hr/>
	5.329

Ora, essa sociedade particular, a “Associação de Colonização e Imigração”, era constituída por fazendeiros que, vendo o ótimo rendimento produzido pelo trabalho livre, resolveram importar imigrantes.

Havia na época uma verdadeira fome de braços, tanto que, mal chegavam, os imigrantes eram dirigidos para as fazendas novas que se abriam no Oeste.

Outro fato interessante foi o ocorrido em 10 de setembro de 1872 em Itú (20): — a fundação do Clube Republicano, que deu origem ao Partido Republicano. O que nos atraiu a atenção, além da sua importância política incontestada, foi justamente o lugar — Itú, centro de cultura de cana, prejudicado portanto com as leis do ventre livre e similares.

c.) — *Vias Férreas.*

Do ponto de vista ferroviário o ano de 1872 foi propício à Província, pois em 10 de abril de 1872 deu-se a inauguração da Estrada de Ferro de Jundiá a Campinas, a atual Companhia Paulista que foi começada em 1868 (21). Mas com isso não se paralisou o progresso, tratou-se logo de prolongar a ferrovia até Rio Claro, o “Rúbicon” dos nossos fazendeiros que antes temiam o preço do transporte e as geadas provenientes das matas.

Com os esplêndidos resultados obtidos pelo transporte férreo, Sorocaba, Itú e Mogi-Guaçú, também quiseram ter as suas ferrovias e daí o início da Sorocabana, Ituana e Mogiana por essa época. Não foi só: a zona velha da Província, o chamado

(20). — Spencer Vampré, *op. cit.*, vol. 2, pág. 344.

(21). — *Ibidem*, pág. 33.

“Norte de São Paulo”, também quis a sua estrada. Em abril de 1872 deu-se o início, e, somente em 1877. São Paulo estava ligada ao Rio (22).

Com essa longa digressão queremos provar que em 1872 São Paulo conseguiu tornar-se importante nó de estrada de ferro, beneficiando assim sobremaneira o seu comércio.

Esse ano de 1872 não trouxe só isso para São Paulo. A cidade foi beneficiada com iluminação a gás em 30 de março e o tráfego de bondes a burros em 2 de outubro (23), com uma única linha do largo do Carmo à Estação da Luz. Os carros de alu-guel aparecem, os esgotos começam. Chegam, mais volumo-sas, as levas de imigrantes. A lavoura cafeeira prospera. O abo-licionismo e a campanha republicana sacodem, nos seus funda-mentos, a nação, para se tornarem realidade em pouco menos de vinte anos.

d.) — *Crescimento da População.*

Quanto à população também notamos o aumento brusco em 1872, tanto na Província como na Capital. A população da Pro-víncia variou da seguinte forma:

1777	116.975	
1805	192.729	
1812	205.267	
1813	209.219	
1814	211.928	
1815	215.021	
1820	239.290	
1826	258.901	(24)
1828	281.175	(25)
1836	307.245	(26)
1851	507.989	
1856	541.028	(27)

Sendo 254.299 nacionais livres
89.853 estrangeiros
196.876 escravos

541.028

1872	837.354	(28)
1890	1.384.753	
1900	2.282.278	
1920	4.592.188	
1934	6.433.327	

(22). — *Ibidem*, pág. 102.

(23). — *Ibidem*, pág. 343.

(24). — Comissão Central de Estatística. Relatório de 1888, pág. 228.

(25). — Eugênio Egas, *op. cit.*, vol. I, pág. 48.

(26). — *Ibidem*, pág. 205.

(27). — *Ibidem*, pág. 255.

(28). — Recenseamento Demográfico, Escolar e Agrícola-Zootécnico de São Paulo (20 de setembro de 1934). Imprensa Oficial. São Paulo. 1936, pág. 10.

A população da Capital variou da seguinte maneira:

1872	26.000	(29)
1890	69.934	
1900	239.820	
1920	579.033	
1934	1.060.120	

(Esta última cifra inclui o município de Santo Amaro, com 26.918 habitantes, hoje anexado à Capital).

Achamos no recenseamento de 1886, dados tão interessantes que não resistimos ao prazer de os transcrever. Por meio desses dados, com os devidos descontos, pode-se fazer uma idéia do que era a Capital em 1872:

População por bairros	Em 1872	Em 1886
Sé	9.223	12.821
Santa Ifigênia	4.459	11.909
Consolação	3.357	8.269
São Bernardo	2.787	3.667
Penha	1.883	2.283
O'	2.023	2.750
Brás	2.308	5.998

Dêses 47.697 habitantes, 22.445 eram masculinos e 25.252 femininos. Eram brancos 36.334, caboclos 1.088, pardos 656, pretos 3.256. Eram solteiros 133.952, casados 11.693, viúvos 2.106 (31).

Quanto à idade eram divididos da seguinte maneira:

De 1 a 5 anos	7.097
De 6 a 15 anos	9.945
De 16 a 30 anos	11.555
De 31 a 50 anos	11.902
De 51 a 70 anos	3.036
De mais de 70 anos	562

Quanto à instrução:

15.812 tinham instrução primária
1.845 tinham instrução secundária
648 tinham instrução superior

38% da população era a percentagem dos que tinham instrução (33). Quanto à religião, 46.372 eram católicos e 1.325 acatólicos (34). Quanto à nacionalidade:

35.407 eram brasileiros
5.717 eram italianos

(29). — *Ibidem*, pág. 10.

(30). — Comissão Central de Estatística. Relatório de 1888, pág. 9.

(31). — *Ibidem*, pág. 13.

(32). — *Ibidem*.

(33). — *Ibidem*, pág. 17.

(34). — *Ibidem*.

3.502 eram portugueses
 1.187 eram alemães
 340 eram austríacos
 379 eram espanhóis
 351 eram franceses
 255 eram ingleses
 205 eram africanos
 354 de outras nacionalidades.

Total dos estrangeiros: — 12.290 em 47.697 habitantes (35).

c.) — *Rendas da Província*

Mas a que atribuir êsse progresso? A que fatores se deve o desenvolvimento do povoamento? Evidentemente à imigração, ao café e ao trabalho livre que se instalava. E um sinal eloqüente disso está no aumento das rendas da Província. Isso se refletia na cidade, porque então não havia prefeito, sendo o presidente responsável pela sua Capital.

Vejamos (36):

	RENDA	DESPESAS	
1835 a 1836	147:379\$425	190:160\$944	pág. 59
1836 a 1837	406:656\$943	219:794\$482	pág. 68
1837 a 1838	206:052\$693	143:154\$341	
1838 a 1839	248:215\$284	211:812\$868	pág. 97
1848 a 1849	316:615\$000	333:640\$000	pág. 216
1849 a 1850	221:425\$000	344:516\$000	pág. 216
1850 a 1851	378:621\$000	390:454\$000	pág. 216
1851 a 1852	353:451\$000	366:857\$000	pág. 248
1852 a 1853	354:222\$000	397:730\$000	pág. 248
1853 a 1854	480:184\$000	205:206\$000	pág. 248
1855 a 1856	841:267\$441	853:664\$306	pág. 255
1856 a 1857	1.014:026\$685	852:481\$656	pág. 271
1858 a 1859	1.038:245\$240	1.089:447\$032	pág. 279
1859 a 1860	1.122:540\$335	1.184:991\$441	pág. 290
1863 a 1864	1.090:365\$973	1.039:340\$364	pág. 314
1865 a 1866	1.173:381\$099	1.287:832\$704	pág. 364
1867 a 1868	1.593:853\$929	1.622:193\$313	pág. 460
1868 a 1869	2.025:068\$693	1.577:675\$360	pág. 460
1869 a 1870	1.605:193\$861	1.462:546\$306	pág. 460
1870 a 1871	1.420:097\$635	2.225:132\$664	pág. 460
1872 a 1873	_____	2.325:206\$432	pág. 487
1876 a 1877	2.070:721\$661	2.079:309\$658	pág. 609
1877 a 1878	3.326:446\$692	_____	pág. 609
1881 a 1882	4.014:688\$381	_____	pág. 609
1883 a 1884	8.801:725\$912	_____	pág. 609

(35). — *Ibidem*, pág. 23.

(36). — Estas cifras foram tiradas dos relatórios apresentados pelos Presidentes da Província. Eugénio Egas, *op. cit.*, vol. I.

Quanto às rendas do município o fato é ainda mais saliente:

EXERCÍCIOS	QUANTIA
1-7-1862 a 30-6-1863	54:354\$857
1-7-1863 a 30-6-1864	27:504\$000
1-7-1864 a 30-6-1865	26:804\$000
1-7-1865 a 30-6-1866	
1-7-1866 a 30-6-1867	31:169\$332
1-7-1867 a 30-6-1868	
1-7-1868 a 30-6-1869	33:612\$311
1-7-1869 a 30-6-1870	35:365\$025
1-7-1870 a 30-6-1871	31:840\$000
1-7-1871 a 30-6-1872	50:182\$000
1-7-1872 a 30-6-1873	52:542\$000
1-7-1873 a 30-6-1874	129:758\$000
1-7-1874 a 30-6-1875	119:962\$000
1-7-1875 a 30-6-1876	96:146\$000
1-7-1876 a 30-6-1877	
1-7-1877 a 30-6-1878	131:381\$000
1-7-1878 a 30-6-1879	
1-7-1879 a 30-6-1880	207:022\$740
1-7-1880 a 30-6-1881	211:485\$100
1-7-1881 a 30-6-1882	227:676\$100 (37)

Em face desses dados julgamos plausível fixar, mais ou menos em 1872, a época de transição do desenvolvimento paulista. O que é necessário concluir é que esse crescimento da cidade é sinal evidente de mutações enormes em determinada região do Brasil.

II. — SÃO PAULO E A TEORIA DOS TRÊS ESTÁDIOS.

Henri Pirenne dizia das cidades industriais que elas tinham passado antes por um período comercial. O prof. Fernand Braudel, por sua vez, acha que as cidades bancárias passaram primeiro pelo estágio comercial e depois pelo industrial e que, quando entram em decadência, o banco é o último elemento a morrer. Um exemplo disso está no caso de Florença, de Veneza, etc.

Creemos que seria muito interessante aplicar esses princípios ao crescimento de São Paulo para vermos se coincidem com os dados de outras cidades e, também, para sabermos em que estágio estamos agora.

São Paulo, durante o período colonial e até metade do século XIX, foi exclusivamente comercial. Era o centro onde quase toda a Província se abastecia em artigos manufaturados. Certas zonas, como por exemplo, o Vale do Paraíba, abastecia-se por São Sebastião, Angra dos Reis e Rio de Janeiro.

(37). — João B. C. Aguirra, *Vida Orçamentária de São Paulo durante um século*. In "Revista do Arquivo Municipal", 1934, pág. 31, volume II.

São Paulo não era o centro único de comércio, pois basta ver a importância das feiras de Sorocaba (38) em que se negociavam milhares de muares, então o único meio de transporte dos produtos agrícolas. Sorocaba chegou a ser uma vila riquíssima, tal era a abundância de prata que corria de mão em mão. As “chilenas” e os “aperos” de prata eram complementos essenciais de um cavaleiro que quisesse ser digno desse nome.

Os produtos do Vale do Paraíba escoavam por São Sebastião e Rio e os comissários da época deviam ter uma casa bem grande porque os seus clientes eram ao mesmo tempo seus hóspedes, pois os hotéis eram considerados como impróprios para um cidadão respeitável.

Santos, escoadouro da zona Oeste, só teve expansão com a ligação férrea São Paulo-Santos.

São Paulo funcionou na sua transformação como centro distribuidor dos produtos manufaturados e importados, mercado de imigrantes (mão-de-obra) e mercado de capitais. Esse tríptico aspecto perdura ainda até hoje.

A industrialização só começa no século XIX. Vemos, por exemplo, um presidente citar como fator importantíssimo no seu relatório (1852) algumas fábricas.

“Fora fábricas de chá, café, açúcar, mate e arroz, e chapéus, licores, aguardente, velas, charutos e cortumes, apenas existiam na Província as seguintes dignas de menção:

- 1.º de tecer algodão em Sorocaba;
- 2.º de gás hidrogênio na Capital (iluminação);
- 3.º de potassa extraída de palha de café em Bananal;
- 4.º fundição e galvanismo;
- 5.º fábrica de vidros em Ubatuba;
- 6.º fábrica de velas de cêra em Campinas;
- 7.º estabelecimento seropédico (sêda) em Sorocaba” (39).

Em 1870, instalaram-se em Itú e Sorocaba duas fábricas de tecidos a vapor (40).

Um presidente chega mesmo a citar com louvores a família Barros, que veio se estabelecer em São Paulo com uma grande fábrica. Isto não é elogio nosso a uma família, mas sim, um sinal de falta de fábricas, pois bastava a instalação de uma para levantar tamanha celeuma.

Quanto à organização bancária vemos que ela tardou. Só em 1855 o Banco do Brasil instala a sua filial em São Paulo (41). Durante muitos anos foi o único banco existente na cidade. Trabalhava com três ou quatro funcionários na rua Direita.

(38). — Afonso de E. Taunay, *Feira de Burros de Sorocaba*, in “Jornal do Comércio” de 18-10-1936; Pierre Deffontaines, *Feira de Burros de Sorocaba*, in “Geografia”, n.º 3, 1935, pág. 263.

(39). — Eugênio Egas, *op. cit.*

(40). — *Ibidem*, pág. 436.

(41). — Victor Viana, *Banco do Brasil*. Rio, 1926, pág. 317.

Em 1859, funda-se em São Paulo o Banco de São Paulo, com 4.000:000\$000 de capital (42).

Em 1875 temos a fundação da Caixa Econômica no governo de João Teodoro.

Em 31 de dezembro de 1887 a situação já é outra. Funcionavam os seguintes bancos:

- a) Banco do Brasil com 33.000:000\$000 de capital e 165.000 ações.
- b) Crédito Real de São Paulo, 5.000:000\$000 e 100.000 ações.
- c) London and Brazilian Bank, Libras 1.000.000 e 50.000 ações.
- d) English Bank of Rio de Janeiro, com Libras 1.000.000 e 50.000 ações.
- e) Banco Comercial de São Paulo, com 2.000:000\$000 e 10.000 ações.
- f) Banco da Lavoura, com 1.000:000\$000 de capital e 5.000 ações (43).

Como se vê por essa estatística começávamos a nos aparelhar em matéria de bancos.

Pensamos que São Paulo já deixou de ser cidade comercial para ser industrial, como bem prova o seu parque industrial. Mas cremos também que ainda não atingiu o estágio bancário, pois não tem capitais exportáveis. Todo o capital, na sua grande maioria é aplicado na lavoura, como tivemos ensêjo de observar, entrevistando vários banqueiros.

Outro fato interessante é que praticamente não existe o desconto, pois o Banco que fôsse descontar os seus títulos no Banco do Brasil sofreria imediata "corrida".

A indústria sofre sobremaneira com êsse estado de coisas, pois é obrigada a ter grandes capitais devido à importação de matérias primas, além de sofrer com a oscilação cambial. Só as grandes indústrias, escudadas em grandes capitais têm crédito mais fácil. Não é só a lei da organização das sociedades anônimas que deve ser modificada.

Com êstes dados terminamos o nosso trabalho. Muitos outros já contribuíram e contribuirão com monografias mais especializadas para pôr em relêvo e marcar definitivamente quando São Paulo começou a ser uma grande metrópole. Ficamos com a convicção de que contribuimos com uma pequena pá de terra para o imenso Jaraguá que será o futuro estudo da Cidade de São Paulo, cidade de Anchieta.

E. SIMÕES DE PAULA

Professor da Cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

(42). — *Ibidem*, pág. 356.

(43). — Comissão Central de Estatística. Relatório de 1888.

BIBLIOGRAFIA.

Além das obras já citadas, consultamos ainda:

Paulo Cursino de Moura, *São Paulo de Outrora*. Melhoramentos. São Paulo.

Brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira, *Quadro Histórico da Província de São Paulo até o ano de 1822*. 2a. edição. São Paulo, 1897.

Alberto Sales, *Pátria Paulista*. Campinas, 1887.

Augusto Saint-Hilaire, *Segunda Viagem ao Rio de Janeiro, a Minas Gerais e São Paulo (1822)*. Tradução de Afonso de E. Taunay. São Paulo, 1933. Editôra Nacional.

Antônio Egídio Martins, *São Paulo Antigo (1554 a 1910)*.